





GT22 - Educação Ambiental - Trabalho 1060

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL CABULA I: PROCESSOS DE VALORIZAÇÃO, MOBILIZAÇÃO E ARTICULAÇÃO ENTRE ESCOLA, COMUNIDADE E INSTITUIÇÕES PÚBLICAS EM PROL DO HORTO FLORESTAL DO CABULA.

Débora Ribeiro Chaves - UNEB

#### Resumo

Este trabalho foi realizado entre os anos de 2014 a 2016 e se dispôs a analisar como a educação ambiental estava sendo desenvolvida pela Escola Municipal Cabula I, considerando a sua interação com a comunidade onde está inserida. Além disso, Buscouse alternativas para a salvaguarda do Horto Florestal do Cabula, área de significativa historicidade e variedade de recursos naturais. Utilizou-se da pesquisa ação como abordagem metodológica concomitante à elaboração de um estudo de caso na Escola Municipal Cabula I, ao considerar que a história da instituição e da localidade, se entrelaçam a fatos relevantes que compõem a vida dos moradores da região. Como resposta aos objetivos traçados verificou-se que a instituição, apesar de ter ações voltadas para a discussão de aspectos relacionados à sustentabilidade socioambiental e de considerar o ser humano parte do meio ambiente, não insere a comunidade do entorno em suas ações. Também os órgãos públicos e instituições privadas que participaram das ações práticas, apesar de contribuir com trabalhos significativos em Educação Ambiental, não tinham contato com a comunidade do entorno à escola, demonstrando a fragilidade das relações entre escola, comunidade e parceiros.

**Palavras-chave**: Educação Ambiental. Escola Municipal Cabula I. Horto Florestal Cabula. Interação Comunitária

## 1. INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea todas as pessoas convivem com problemas que perpassam questões sociais, econômicas, políticas e ambientais. No entanto, essas dificuldades se agravam quando o indivíduo vive à margem da sociedade, quando ele é vulnerável<sup>1</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Característica de quem é frágil, delicado, suscetível. Aqui caracterizada pelas crianças e idosos.

Diante dessa questão, a educação, seja ela praticada no ambiente familiar, institucional, religioso, comunitário, dentre outros lugares, também precisa adaptar-se as desigualdades e encontrar maneiras para fazer com que as pessoas atinjam a aprendizagem e se tornem indivíduos que contribuam com a sociedade em que vivem. Para isso, as instituições escolares devem estar cada vez mais se comunicando com o "mundo além dos seus muros", para que diminuam as lacunas entre o que se estar aprendendo internamente e o que se vivencia nas comunidades que existem ao seu redor.

Acredita-se que ensinar é fazer com que o educando perceba que o conhecimento também está intercalado ao seu cotidiano; em outros lugares além da escola, pois quando o aluno percebe que o conteúdo programático da instituição em que estuda está inserido em sua rotina, essa inserção cria o gosto pelo que se estar aprendendo e também é proporcionada a autonomia no indivíduo. De acordo com Alves (2016) é necessário fazer "as coisas essenciais no ambiente que a criança vive".

A escola, ou seja, o professor deve fazer com que o aprender seja divertido, sem traumas e medo do erro, para que não se repita os métodos tradicionais utilizados para fazer com que a escola atinja os padrões exigidos de acordo com a necessidade das indústrias e fábricas. Agora, se o que se quer são pessoas que acompanhem o mundo contemporâneo, onde a informação está por toda parte, tem-se que dar suporte para que elas desenvolvam suas habilidades com elas próprias, pensamento crítico e autoestima; com a sociedade que faz parte - "estar no mundo com o mundo" - FREIRE (2002); e ser criativa.

Neste sentido, a educação ambiental representa um papel significativo frente a essa realidade, uma vez que a sua amplitude discute questões que não se restringe aos recursos naturais, como também, outros que fazem parte da história de vida dos indivíduos.

Sendo assim, defende-se que a Educação ambiental pode auxiliar as pessoas na resolução de conflitos sócio, econômicos e ambientais viabilizando a mobilização, interação e articulação de atores sociais em atividades que suscitem a resolução de problemas comuns.

Com esse pensamento, entre os anos de 2014 a 2016, se buscou trabalhar com a uma escola, instituições públicas e privadas, parceiros, colaboradores<sup>2</sup> e com a comunidade do bairro Barreiras, ou estrada das Barreiras, ou Cabula I<sup>3</sup>, que compõe a região do Cabula - uma das localidades que compõem a parte central do município de Salvador, Estado da Bahia, denominada de Miolo.

Na comunidade existem pessoas com traços mestiços que identificam a descendência de grupos de etnias indígenas e africanas cujos costumes e modos de vida, imbricados no seu dia-a-dia, trazem o respeito pela natureza e por toda forma de vida, advindos da ancestralidade das raças que ocuparam a região.

Alguns desses costumes também fizeram com que a pesquisadora lembrasse de hábitos desenvolvidos em uma vila de pescadores chamada Caboto, localizada no distrito de Candeias e no município de Catu, também no Estado da Bahia, onde a mesma passou parte de sua infância e adolescência. As práticas eram incentivadas por seus pais, avós e outros residentes que buscavam garantir uma convivência harmoniosa entre os habitantes da região e a natureza - fonte principal de sobrevivência - através da minimização dos resíduos e do melhor aproveitamento de seus recursos naturais.

A ausência de saneamento básico era um fator que impulsionava os moradores a buscarem comportamentos que diminuíssem as dificuldades enfrentadas por eles, pois os mesmos eram os responsáveis pela destinação dos dejetos, abastecimento e distribuição de água nas residências e equipamentos comunitários - quase sempre, caminhavam longas distancias para pegá-la em poços e cisternas ou tinham que comprá-la em caminhões distribuidores.

Em 2017, existe uma melhora em relação às políticas de saneamento básico em relação à época supracitada, anos 1980, como também, uma maior acessibilidade a recursos como a água, por exemplo. No entanto, a falta de incentivo para o

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Consideram-se parceiros os órgãos e instituições públicas; e colaboradores os comerciantes, entidades e outras representações da comunidade que se predisponham a defender questões sociais.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Área conhecida pelas três denominações: a primeira, Barreiras, corresponde ao barro avermelhado que era encontrado em abundancia em suas vias logo no início da urbanização que ocorreu a partir dos anos 1970; a segunda faz menção à rua que, por não existir asfaltamento, era empoeirada e, em época de chuva, as pessoas se sujavam com o barro vermelho, por isso, Estrada das Barreiras, ou seja, estrada que suja; e a denominação Cabula I vem da ordem estabelecida pela URBIS para denominar os condomínios implantados na região do Cabula entre os anos de 1970 e 1980. (Cruz apud Gouveia (2010, p. 78); informações verbais obtidas através de relatos dos moradores do bairro Barreiras, Estradas das Barreiras, Cabula I, junho 2015).

desenvolvimento de práticas como as que eram realizadas acometem em desperdício, poluição e falta de cuidado com áreas naturais. Especialmente, em locais que registram um índice de vulnerabilidade social relevante como ocorre com o bairro lócus desta pesquisa.

Ademais, a falta de experiências por meio de processos educativos e de intervenções que possibilitem um posicionamento crítico, impede que a comunidade possa evoluir e buscar alternativas para resolver seus problemas. Por isso, o estudo em questão intencionou favorecer o diálogo entre a teoria e a prática com o objetivo de criar oportunidades que contribuíssem para o desenvolvimento de um ser humano responsável e comprometido com o bem estar de sua comunidade, do mundo e de si próprio.

A localidade das Barreiras, ou Cabula I ou Estrada das Barreiras foi escolhida após a uma visitação ao Horto Florestal do Cabula que incluía a Escola Municipal Cabula I, o Terreiro *Nzo Bakisé Sasa Ganzua Gongará Kayango*, a casa feita com materiais reciclados e o protetor de animais, todos próximos ao Conjunto ACM onde também existe a associação comunitária do bairro; órgãos públicos como Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e o Ministério da Agricultura.

Observou-se que a Escola Municipal Cabula I - instituição pública que acolhe, durante o turno diurno, alunos do ensino fundamental dos anos iniciais; do 1 ao 5º ano e a pré-escola; e no noturno, alunos que pertencem à modalidade de ensino de Educação de Jovens e Adultos – EJA; o Horto Florestal do Cabula, área remanescente de Mata Atlântica que se encontra ameaçada por causa de invasões e ocupações clandestinas, casos de violência e uso de drogas, que geram problemas e dificuldades socioambientais; e o Conjunto ACM que se configura como um dos empreendimentos que marcaram a transformação da localidade do Cabula antes constituída por casebres e roças para os conjuntos habitacionais implantados a partir da década de 1970 e que foram promovidos pelo poder público. Juntos, esses ambientes, se configuraram no cenário ideal para o desenvolvimento desta pesquisa.

Diante das circunstâncias, enunciou-se como objetivo geral a análise de **como a** Educação Ambiental estava sendo desenvolvida pela Escola Municipal Cabula I, considerando a sua interação com a comunidade onde está inserida. Sendo este o ponto central da pesquisa, os objetivos específicos se constituíram em: a] Verificar a interação e o engajamento da Escola com a comunidade das Barreiras, Cabula I ou Estrada

das Barreiras; b] Socializar práticas sustentáveis da comunidade, órgãos públicos e parceiros que se dispusessem a apresentar de forma colaborativa para o público assistido pelo projeto; c] Verificar a situação do Horto Florestal do Cabula frente aos órgãos públicos a fim de sugerir práticas sustentáveis que venham salvaguardá-lo com a participação da escola e da comunidade do seu entorno.

Além de alcançar os objetivos propostos, também intencionava-se com este estudo superar a separação entre o saber científico e o popular, fazendo com que os dois saberes dialogassem e as pessoas que participassem das ações promovidas pela pesquisa encontrassem um ponto de interseção entre os dois saberes. Assim, optou-se pela realização de pesquisa-ação, por acreditar que a metodologia agregaria tanto o conhecimento técnico científico na área socioambiental, como auxiliaria no processo de crescimento humano fundamental na sociedade contemporânea. (BALDISSERA, 2001; FREIRE, 2002; BOCCHIET *et al*, 2008)

Por evidenciar que a história da Escola Municipal Cabula I se confundia com a própria história do bairro, julgou-se necessário fazer um estudo de caso na Escola Municipal Cabula I, a partir da observação de dados ofertados pelos sujeitos responsáveis por sua produção.

Esses sujeitos foram: gestores, professores, funcionários da escola; representantes da comunidade; os alunos do quinto ano do ensino fundamental, turno matutino e vespertino, que foram escolhidos por estarem cursando o último ano ofertado pela intuição escolar na qual estudam (quinto ano do ensino fundamental I, anos iniciais), além de serem alvos de provas de avaliação de desempenho como a Prova Brasil e do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) que tem o objetivo de verificar a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional brasileiro; e os alunos da EJA, classificados também como representantes da comunidade.

Destaca-se que todos os sujeitos que participaram desta pesquisa, especialmente aqueles que tiveram os nomes divulgados por ela, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido submetido ao Comitê de ética em pesquisa com seres humanos da Universidade Católica de Salvador (UCSAL), aprovado sob número de parecer 1.115.287, em 19/06/2015.

Sintetiza-se no Quadro1, abaixo, os sujeitos da pesquisa, os instrumentos de coleta de dados e informações, e as intervenções realizadas:

Sujeitos da pesquisa	Instrumentos de coleta de dados e informações	Intervenções realizadas
Alunos de ensino fundamental	Nota de campo, questionários, roda de conversa.	Oficina, palestras, exposição de trabalhos escolares, visitas a instituições parceiras.
Alunos da modalidade EJA	Nota de campo, entrevista, roda de conversa.	Oficina, exposição de trabalhos escolares, palestras.
Gestores, Professores e Funcionários.	Entrevista, pesquisa documental.	Observação, aplicação e prática de campo
Órgãos públicos: Ministério da Agricultura, Secretaria da Cidade Sustentável, UNEB.	Pesquisa documental e imagética; e/ou entrevista com funcionários possuem atividades relacionadas ao Horto Florestal do Cabula.	Intervenções na Escola Municipal Cabula I e no Horto Florestal do Cabula.

Quadro 1: Roteiro para a Pesquisa de Campo

Fonte: Elaborado pela autora, 2015.

Vale ressaltar que a maior parte dos alunos vivem na comunidade do entorno à escola e, consequentemente, frequentam a instituição desde a pré-escola. Alguns inclusive, participaram de antigas atividades de educação ambiental desenvolvidas em parceria com colaboradores como a Padaria Panical e o Instituto para Educação, Cultura e Desenvolvimento, mais conhecido como Projeto Cidadão, que se localizam no entorno à escola e cujo donos, ou seus filhos, estudaram na instituição.

### 2. DIAGNÓSTICO AMBIENTAL DA LOCALIDADE

Conforme informações supramencionadas, o bairro escolhido para o desenvolvimento dos trabalhos localiza-se em uma região que, por estar na parte central da cidade de Salvador - abrangendo as localidades do Cabula, Tancredo Neves, Pau da Lima e Cajazeiras, denomina-se por Miolo.

A topografia da região abriga os pontos mais altos da cidade, com topos relativamente planos e vales profundos que favorecem a drenagem natural. A vegetação é composta por remanescentes de Mata Atlântica, especialmente nas áreas que ficam próximas as represas do Cascão, Prata – que fica dentro do Horto Florestal do Cabula - e a Mata dos Oitis. Também no Miolo encontram-se as principais bacias hidrográficas formadas pelos rios Camarajipe, Cachoeirinha e Pituaçu, Saboeiro e Cascão (bacia das Pedras), Jaguaribe e Ipitanga". (NUNES, 2007)

Com respeito às bacias citadas, duas delas que correspondem ao Rio Camarajipe e ao Rio das Pedras, possuem nascentes que se localizam no Cabula. O primeiro Rio citado foi represado no final do século XIX para a construção de duas represas, projetadas pelo engenheiro baiano Theodoro Fernandes Sampaio - filho da escrava Domingas da Paixão do Carmo e do padre Manuel Fernandes Sampaio. Uma teve o mesmo nome do bairro, Mata Escura, e a outra, foi chamada de Prata, fazendo alusão à bacia a qual pertencia. (BAHIA, 2016)

As duas represas, além de solucionar parte do abastecimento de água na cidade de Salvador à época, exibiam a beleza existente na mata que era formada ao redor delas para as pessoas que se banhavam em suas águas. Um dos alunos da EJA na Escola Municipal Cabula I, representante da comunidade do entorno, disse que em 1973 quando foi contratado pela Gata, Empresa de construção civil, para trabalhar na construção do Condomínio ACM, tinha o hábito de frequentar as represas. Ele conta muito animado a satisfação que possuía em frequentar a área que representava uma fonte de lazer para àqueles que tinham a oportunidade de conhecê-las: "Eu já tomei banho na represa. Faz mais de 30 anos. Tinha sucuri, muitos animais". (INFORMAÇÃO VERBAL)<sup>4</sup>

Em 1987, devido à baixa vazão e poluição provocada pelo lançamento de esgotos sanitários e resíduos sólidos oriundos dos conjuntos habitacionais que começavam a ocupar a região, as represas foram desativadas. Por um longo período, podíamos observar a poluição que se encontram as represas; o mal cheiro era outra característica perceptível para quem as visitava— veja a foto 1:

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Questionário respondido pelo Aluno B/ EJA, representante da comunidade do entorno. **Entrevista III**. [dez. 2015]. Salvador, 2015.



**Foto 1** – Poluição Ambiental por Agente Químico Represa do Prata e da Mata Escura. **Fonte** – Arquivo Pessoal, data 16.11.2014.

Em 2017, associações de moradores - especialmente aqueles que residem no bairro da Mata Escura onde existe maior proximidade de acesso as represas, pelo Condomínio Residencial Recanto Verde; alunos de graduação e pós-graduação; pesquisadores e outras pessoas envolvidas com a recuperação da área, iniciaram com o auxílio da Empresa Baiana de Águas e Saneamento – EMBASA, a despoluição das represas.

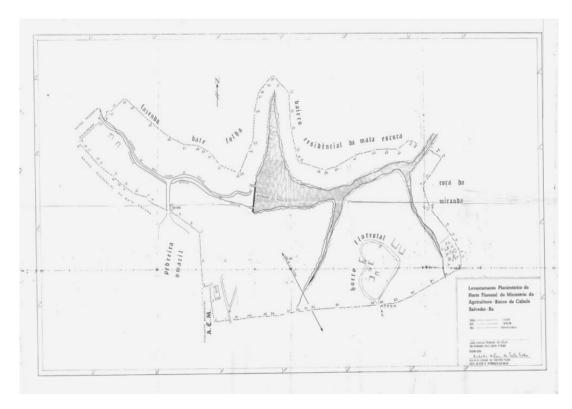
Entretanto, mesmo ficando em uma área protegida pela Lei n<sup>0</sup> 7.400, de 20 de fevereiro de 2007, que ordena o Plano de Desenvolvimento Urbano da Cidade de Salvador (PDDU), e a classifica como Área de Proteção de Recursos Naturais (APRN), elas sofrem pelas invasões e outros descasos cometidos contra a biodiversidade, o que prejudica vez mais os atributos naturais presentes.

Um dos moradores, por ocasião de uma reportagem feita em outubro de 2014, pelo Jornal Tribuna da Bahia, desabafou: "a situação é tão grave que, se nada for feito para mudar, a área verde pode desaparecer nos próximos cinco anos".

As represas estão dentro de uma área de 38 hectares - cerca de 380.000 m² - que fazia parte da Fazenda São Gonçalo, subdistrito de Santo Antônio na época em que a cidade de Salvador, Bahia, era uma colônia de Portugal. Em 1956, a Prefeitura de

Salvador doou a área para o Ministério da Agricultura com a finalidade de se instalar um Horto Florestal<sup>5</sup>.

O Horto teve a sua criação autorizada pela Lei Municipal nº 670 em 23 de março no mesmo ano em que lavrou-se a escritura. Veja no mapa abaixo os limites do Horto Florestal no ano de 1980:

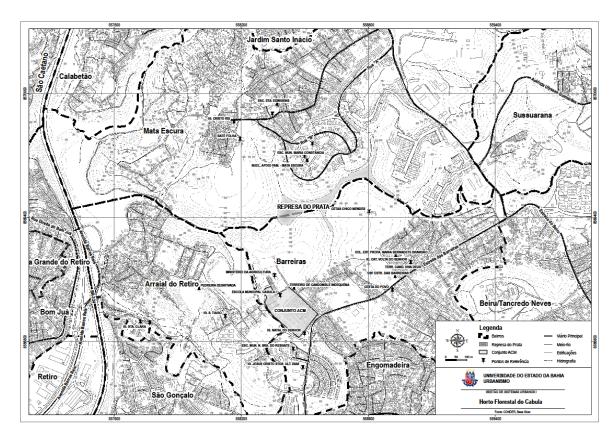


**Figura 1 -** Mapa do Horto Florestal, 1980. **Fonte** – Arquivo Superintendência de Agricultura na Bahia

A citada transação culminou numa celeuma judicial, até então não resolvida pelos órgãos envolvidos e que tem prejudicado não somente a preservação dos recursos naturais existentes, mas também a tranquilidade dos moradores do entorno do Horto Florestal do Cabula.

Nos dias de hoje, o Horto Florestal do Cabula está situado entre os bairros da Mata Escura, Estrada das Barreiras, Cabula I, Arraial do Retiro, Calabetão, como demonstrado na Figura 2, apresentando diferenças entre as formações visualizadas no mapa da Figura 1.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Entende-se por Horto Florestal a área de espécies de Mata Atlântica que fica localizada próxima a centros urbanos.



**Figura 2** – Horto Florestal do Cabula, 2014. **Fonte -** CONDER, Base Sicar.

Apesar da mudança, as representações comunitárias do passado permanecem no presente mantendo viva ancestralidade dos povos africanos e indígenas que habitaram a região. Motivo pelo qual, para o presente trabalho, o Horto Florestal do Cabula é considerado como um patrimônio.

Ressalta-se que ao dar este título à área, não se estar falando apenas de seus atributos naturais, mas também por ser expressivo na constituição da identidade da comunidade do bairro Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras. Veja o que disse o representante do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA sobre o lugar:

Você sabe onde tem o galpão do Ministério, na parte de trás, dentro do Horto onde tem uma caixa de força, agora, bem próximo, tem uma avenida de casas. Eu morei ali com minha família. Meu pai era funcionário do Ministério. Você fala de seu sentimento pelo Horto agora, imagine se o conhecesse antes, iria se apaixonar! Tinha pés de mangaba que eu acordava cedo para catar e fazer suco, pois seu Florisvaldo não deixava ninguém entrar; me pendurava no cipó para tomar banho no rio; e as jaqueiras? Ainda existem no Horto? Como era bom! Agora... A comunidade não tem o prazer desse contato com a natureza, com esse lugar que faz parte de nossa história. Está no sangue, pois a comunidade

é descendente de negros e índios. O Horto é dos moradores do bairro, faz parte deles! (INFORMAÇÃO ESCRITA)  $^6$ 

Conforme expresso no depoimento, a reserva florestal guarda marcas da história do lugar e de seu povo, é um espaço detentor de uma memória histórica e de uma biodiversidade significativa dentro de um contexto urbano e por isso deve ser salvaguardado.

# 3. EDUCAÇÃO AMBIENTAL: EXPERIÊNCIAS, DESÁFIOS E CONTROVÉRSIAS NA SOCIEDADE CONTEMPORANEA

Apesar da história da Escola Municipal Cabula I coincidir com o surgimento da localidade, considerando que a sua fundação ocorreu no ano de 1974, juntamente com o Conjunto ACM, construído pela Prefeitura de Salvador para atender as famílias de militares do corpo de bombeiros e outros funcionários públicos, houve uma mudança no perfil da comunidade localizada no entorno da escola<sup>7</sup>.

Consequentemente, o público da instituição passou a ser constituído por trabalhadores assalariados ou informais como catadores de sucatas, diaristas ou ambulantes <sup>8</sup>, que levam as crianças para ajudá-los no serviço; outra parte são crianças que ficam sozinhas em casa, sem orientação de adulto; e também, pessoas que não concluíram o ensino na idade certa.

De acordo com o Índice de Educação Básica (IDEB), no ano de 2013, entre 100 alunos matriculados na Escola Municipal Cabula I, 10 alunos não foram aprovados por deficiência em português e matemática. Estes mesmos alunos atingiram uma nota padronizada entre as disciplinas, de 4,86 na Prova Brasil (avaliação utilizada pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP-MEC) para avaliar a qualidade do ensino no Brasil).

Esses testes avaliam a quantidade de alunos aptos a interpretar as questões de português e matemática, mas não os preparam para enfrentar os desafios da vida na

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> SANTOS, Railton Lopes dos. Entrevista XII. [abr. 2016]. Salvador. 2016.

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> Na década de setenta quando o Condomínio ACM foi construído, existiam poucas casas, não tinha água encanada, luz elétrica e os moradores tinham que conviver com cobras e outros animais por conta do Horto.

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> De acordo com Santos *et al* (2010), o bairro possui uma população de 18.305 habitantes; 21,30% dos chefes de família ganham na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos e 29,40% deles possuem de 11 a 14 anos de estudos.

sociedade contemporânea. As ações desenvolvidas durante o percurso desta pesquisa puderam verificar que a Educação Ambiental é um importante instrumento para esse fim.

O Artigo 2, da Resolução nº 2, datada de 15 de junho de 2012 que designa as Diretrizes Curriculares Nacional para a Educação Ambiental no Brasil, descreve a EA como:

...uma dimensão da educação, é atividade intencional da prática social, que deve imprimir ao desenvolvimento individual um caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos, visando potencializar essa atividade humana com a finalidade de torná-la plena de prática social e de ética ambiental. (BRASIL, 2012)

O trecho da legislação corroborou com entendimento da pesquisadora, e também foi um dos pontos de partida para o planejamento das atividades desenvolvidas durante o projeto. Para ela, a EA é aproximar, é ação, é comunidade e, por isso, preferencialmente, as ações práticas eram realizadas em círculo ou semicírculo<sup>9</sup>, considerando que o intuito era formar diálogos e não passar conhecimentos.

Em janeiro de 2015 a Escola Municipal Cabula I propôs um projeto denominado "Sustentabilidade", elaborado pela professora Eugênia Reis, onde se ofereceram alternativas cujo objetivo era melhorar o desempenho escolar dos alunos, as relações sustentáveis de trabalho e de autoconhecimento entre a comunidade escolar

As primeiras reuniões pedagógicas na Escola Municipal Cabula I no ano de 2015 definiram um calendário preliminar onde constavam atividades que, em comum acordo com os professores do ensino regular e da Educação de Jovens e Adultos, mesclavam a programação do currículo escolar comum — Páscoa, Dia da família, São João, e demais comemorações — e as atividades relacionadas ao Projeto Sustentabilidade.

Em se tratando da temática sustentabilidade foram divididos dois eixos: sustentabilidade do ser tratando do desenvolvimento humano: saúde, educação, renda, dentre outros, cujas ações aconteceriam no primeiro semestre de 2015; e sustentabilidade ambiental abordando temas como água, energia, reaproveitamento de resíduos, artes, cultura, saúde, bem estar animal, que aconteceriam no segundo semestre.

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> Esta prática também se vale da cultura africana que tem a circularidade como um ponto chave na relação entre seus indivíduos. Esta característica pode ser observada em manifestações culturais afro-brasileiras como a capoeira e o samba de roda evidenciando que a circularidade representa no interior desta cultura uma forma particular de interação. (PETIT; CRUZ, 2008).

Ao ser perguntada sobre o porquê relacionava temas que abordam a sustentabilidade dos recursos naturais com o ser humano a professora Eugênia Reis (2016) respondeu que a escola sempre fala sobre o meio ambiente como se o homem não fizesse parte dele, mas que para ela, o ser da pessoa precisa ser trabalhado antes de qualquer coisa:

E as crianças como são tratadas? As pessoas como são tratadas? Como está a emoção das pessoas? Por que menino está agressivo? Porque professora triste? Porque aluno ta triste? Porque ta tendo muita confusão? Por que o ser da pessoa precisa ser trabalhado, não é? Eu não estou querendo dizer que seja obrigação da escola trabalhar o ser, eu entendo que primeiro tem que ver o ser e depois tem que ver o externo, pro meio ambiente. Porque não adianta você plantar árvore e você estar ali por dentro sem saber resolver seus problemas, não saber lidar com a emoção. (INFORMAÇÃO VERBAL)<sup>10</sup>

Deste modo, a ideia inicial do Projeto Sustentabilidade era utilizar o tema com o fito de melhorar as relações socioemocionais da comunidade interna da escola e, em contrapartida, falar dos recursos naturais, considerando que a temática estava sendo bastante utilizada pela mídia. Em nenhum momento, em sua estrutura inicial, se pensou em trabalhar o meio ambiente da/com a comunidade do entorno à escola.

Contudo, em paralelo ao projeto da escola esta pesquisa propôs ações extracurriculares, planejadas para acontecer de preferência nas sextas-feiras e nos sábados, pois nesses dias as atividades do currículo escolar eram mais flexíveis o que permitia a realização de atividades mais dinâmicas e interativas que colaboravam para manter a frequência escolar em um nível satisfatório. Os conteúdos abordados foram socializados com os professores, afim de que eles pudessem intercalá-los com as práticas realizadas em sala de aula.

Também foi apresentada a metodologia que iria ser aplicada durante as atividades – organização em círculo ou o semicírculo, como também, debatidos os referenciais teóricos que iriam ser empregados, especialmente em relação ao conceito de Meio Ambiente e Educação Ambiental: o conceito escolhido para ser norteador foi o defendido por Leff (1998; 2003; 2010) que considera o Meio Ambiente uma totalidade composta por partes sinérgicas; e o de Loureiro (2003; 2004; 2006; 2014) que analisa a educação ambiental como transformadora, ativa e cooperadora de valores éticos.

As ações que foram desenvolvidas no 1º semestre de 2015 serviram como forma de estreitar a relação entre a pesquisadora, a comunidade escolar e a do entorno. Estes

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> REIS, Eugênia da Silva. [mar. 2016]. Salvador, 2016.

laços foram construídos através da participação em eventos escolares, como o dia da família na escola, bazares, reunião de pais e mestres, feiras para arrecadação de recursos e outros similares. Também ocorreram atividades através de parcerias: peça teatral "O Vaqueiro e o Bicho Froxo", Projeto Gente Arteira, da Caixa Cultural, e "O bicho", de Antônio Soares, morador da comunidade; oficina sobre saneamento básico, da Empresa Baiana de águas e Saneamento da Bahia- EMBASA; oficina de Arte Graffiti, Denis Sena; Geladeira Cultural, Projeto Cidadão; contação de histórias sobre o bairro, Débora Chaves; e ginástica corporal, com Jéssica Nascimento. As atividades, em maioria, contemplam além da temática do meio ambiente a temática proposta pela escola, a sustentabilidade do ser.

No segundo semestre as questões foram focadas na temática meio ambiente. E colocaram-se em análise algumas questões pré-concebidas por esta autora: a interação dos alunos durante as atividades, organização da escola para receber o público do entorno, adaptação da linguagem técnica à linguagem comunitária, interpretação dos conceitos de meio ambiente e educação ambiental e outras que viessem a surgir com o intuito de responder as questões desta pesquisa.

Uma das preocupações desta pesquisa foi informar aos parceiros que se apropriasse da necessidade de fazer adaptações na linguagem, geralmente técnica, empregada durante as ações realizadas. Visto que o intuito era dialogar e fazer com que as pessoas interagissem, sendo assim, não se poderia utilizar termos que não fossem compreendidos:

Um educador democrático, que é preciso saber ouvir uma criança negra com linguagem específica dele ou dela como a sintaxe específica dele ou dela, saber como ouvir o camponês negro analfabeto, saber como ouvir um aluno rico, saber como ouvir os assim chamados representantes de minorias, que são basicamente oprimidas. Se não aprender como ouvir essas vozes, na verdade não aprendemos como falar. (FREIRE, p. 90, 2014)

A partir desse entendimento começou-se a trabalhar com os alunos a fim de que percebessem que sua cultura, valores e modos de proceder tinham validade dentro da sociedade que eles pertenciam, independentes de questões socioeconômicas. Dessa maneira, as atividades pretendiam proporcionar que os alunos se apoderassem dessa ideia e passassem a contribuir com as atividades desenvolvidas.

Dentre as ações desenvolvidas, destacam-se: oficinas de reaproveitamento de materiais com a confecção de brinquedos com garrafa pet, bolsas com caixas de embalagem treta pak, porta canetas com rolos de papel e jornais reciclados, encenação

teatral e contação de história baseadas nos malefício do descarte inapropriado do lixo e a sua produção exagerada, realizadas pela Empresa de Limpeza Urbana do Salvador – LIMPURB; palestras sobre segurança de resíduos perfuro cortantes, separação de materiais recicláveis, reaproveitamento de sobras, além das oficinas de confecção de flores, jarros, caixas e outros utensílios fabricados através de matérias recicláveis, realizadas pela Revita Engenharia Sustentável; Palestras e oficinas sobre consumo e tipos de energia, energia solar, da Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia – COELBA; Oficina de reaproveitamento de óleo para a fabricação de sabão, ministrada pela Professora Iara Terezinha Queiroz Pereira dos Santos, do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia da Bahia – IFBA.

### 4. CONCLUSÃO

Com o desenvolvimento das ações que se vinculavam a este trabalho, pode-se perceber que existe uma grande lacuna entre o que determina as leis, resoluções, manuais, dentre outros, que falam sobre a Educação Ambiental e o que efetivamente acontece na prática.

Além disso, a maioria dos professores dizem conhecer esses guias, mas quase sempre, os conceitos utilizados para definir Meio Ambiente e Educação Ambiental pela escola são genéricos, baseados em pesquisas feitas através da internet sem nenhum critério científico ou fonte referenciada. Consequentemente, as ações planejadas são focadas em uma abordagem naturalista e não através de uma amplitude que engloba aspectos sociais, políticos, culturais e ambientais que o ser humano participa no convívio com os outros.

Mais ainda, constatar a existência de ações de Educação Ambiental realizadas por agentes públicos e privados que poderiam beneficiar a comunidade do entorno, além do desconhecimento, a escola não possuía nenhum tipo de interação entre esses agentes, mesmo tendo abordado assuntos que correspondiam as atividades fins dessas empresas, como é o caso da EMBASA.

Verificando a interação e o engajamento da Escola com a comunidade das Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras, concluiu-se que a escola não insere a comunidade do seu entorno em suas ações. Visto que, na realização de entrevistas e na aplicação de questionários, evidenciou-se que o impedimento para uma relação

mais próxima entre comunidade externa e escola não está na comunidade e sim na falta de ações efetivas da instituição a fim de alcançar tal aproximação.

Para a comunidade, estar presente na instituição não é ser convidada apenas nos eventos festivos, exposições ou outras ocasiões parecidas que necessitem da formação de público para o reconhecimento do evento. Participar, para a comunidade, é opinar, ser ouvido, interagir sobre os problemas do bairro e achar soluções em conjunto. Estar na/com escola, para a comunidade, é não ver os muros como um isolamento ou um lugar que seleciona.

Talvez por isso, mesmo com todos os esforços empreendidos, não tivemos êxito para que a comunidade participasse das ações práticas que estavam ocorrendo na escola e, também, a escola mostrou-se deficiente em algumas situações, tais como: a falta de comunicação aos pais de alunos sobre as atividades que estavam sendo desenvolvidas; havia uma restrição de público por conta da insuficiência de profissionais; os alunos não eram avisados previamente sobre a ocorrência das atividades; falta de organização dos materiais que eram utilizados nas oficinas, dentre outros fatores que causaram incompletude no resultado das atividades.

Ainda assim, durante um período de 10 meses, de março a dezembro de 2015, tivemos em torno de 15 parceiros e colaboradores que nos auxiliaram com ações práticas na sede de suas empresas e/ou na própria escola que valorizaram tanto os conhecimentos técnicos, quanto àqueles que emergiam das práticas diárias dos participantes e que se relacionavam ao enfrentamento das dificuldades socioambientais dos mesmos.

Sobre a situação do Horto Florestal do Cabula frente aos órgãos públicos a fim de sugerir práticas sustentáveis que venham salvaguardá-lo com a participação da escola e da comunidade do seu entorno, esta pesquisa não conseguiu vislumbrar nenhuma possibilidade que garantisse a sobrevivência do Horto Florestal do Cabula em harmonia com o seu maior destruidor: o homem. Pois, diante da indefinição sobre o futuro da área, mais casas vem sendo construídas e menos árvores existem, especialmente na área próxima ao galpão do MAPA.

Por fim, considerando a indefinição sobre o Horto Florestal do Cabula – área que guarda a memória de um povo e de uma localidade, configurando-se como um espaço detentor de uma identidade, de riqueza natural e de biodiversidade cuja importância

ultrapassa os limites do Cabula, desejamos que a escola, a comunidade do entorno, órgãos públicos, parceiros, colaboradores, e outras pessoas possam valorizar a sua riqueza natural e compreender a dimensão que ele possui nas nossas vidas.

### REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A escola ideal:** o papel do professor. 2017. Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=qjyNv42g2XU">https://www.youtube.com/watch?v=qjyNv42g2XU</a>. Acesso em: 08 mar. 2017;

BAHIA. Cid Teixeira. Secretaria de Saneamento e Desenvolvimento Urbano (Org.). A cidade de Salvador: posses e usos de terras. Salvador: Bureau Gráfica e Editora, 1978;

BALDISSERA, Adelina. Pesquisa-ação: uma metodologia do "conhecer" e do "agir" coletivo. **Sociedade em Debate,** Pelotas, p.01-22, ago. 2001. Disponível em: <a href="http://revistas.ucpel.tche.br/index.php/rsd/article/viewFile/570/510">http://revistas.ucpel.tche.br/index.php/rsd/article/viewFile/570/510</a>>. Acesso em: 27 jul. 2015;

BOCCHIET, Silvia Cristina Manginiet al. **Métodos Qualitativosde Pesquisa:** uma tentativa de desmistificar a sua compreensão. 2008. Disponível em: <a href="http://www.emv.fmb.unesp.br/publicacoes/enfermagem/pesquisa\_qualitativa\_2008.pdf">http://www.emv.fmb.unesp.br/publicacoes/enfermagem/pesquisa\_qualitativa\_2008.pdf</a> >. Acesso em: 26 jun. 2014;

BRASIL. Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. **Resolução Nº 2, de 15 de Junho de 2012**.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis**. São Paulo: Paz & Terra, 2014. 398 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002;

GOUVEIA, Anneza Tourinho de Almeida. **UM OLHAR SOBRE O BAIRRO:** ASPECTOS DO CABULA E SUAS RELAÇÕES COM A CIDADE DE SALVADOR. 2010. 237 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, GeociÊncias, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010;

LEFF, Enrique. <b>Epistemologia Ambiental.</b> 5. ed.São Paulo: Cortez, 2010. 239 p.;	
A Complexidade Ambiental. 1.ed.São Paulo: Cortez, 2003. 342 p.:	·,
Saber Ambiental. 1.ed.Petropolis: Vozes, 1998. 327 p.;	

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Educar, participar e transformar em educação ambiental**. Revista Brasileira de Educação Ambiental, Brasília, v. 1, n. 0, p.1-144, nov. 2004. Trimestral. Publicação da Rede Brasileira de Educação Ambiental. Disponível em: <a href="http://assets.wwfbr.panda.org/downloads/revbea\_n\_zero.pdf#page=13">http://assets.wwfbr.panda.org/downloads/revbea\_n\_zero.pdf#page=13</a>. Acesso em: 27 fev. 2015;

Karl Marx: história, crítica e transformação social na unidade dialética
da natureza. In: CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; GRÜN, Mauro; TRAJBER,
Rachel (Org.). Pensar o Ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental.
Brasília: Ministério da Educação / Unesco, 2006. p. 125-137. (Educação para Todos).
Disponível em: <a href="http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao4.pdf">http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao4.pdf</a> >. Acesso em:
15 jul. 2015;
; TORRES, Juliana Rezende (Org.). Educação Ambiental: dialogando
com Paulo Freire. São Paulo: Cortez, 2014. 184 p.;
Premissas teóricas para uma educação ambiental transformadora.
Ambiente e Educação, Rio Grande do Sul, v. 1, n. 8, p.37-54, 14 mar. 2003. Texto
elaborado a partir da palestra "Educação Ambiental numa ótica transformadora".
Disponível em:
<a href="https://www.google.com.br/?gfe_rd=cr&amp;ei=PuSBVYugMYiq8wek2YFQ&amp;gws_rd=ssl">https://www.google.com.br/?gfe_rd=cr&amp;ei=PuSBVYugMYiq8wek2YFQ&amp;gws_rd=ssl</a>
#q=educação+ambiental+proposta+por+Carlos+Frederico+Loureiro>. Acesso em: 30
jul. 2015;

NUNES, Eduardo José Fernandes. **Agenda 21: estratégias de desenvolvimento local sustentável local na periferia de Salvador**. Educação e Contemporaneidade. Revista da FAEEBA, v. 16, n. 28, p. 57-76, jul/dez, 2007;

PETIT, Sandra Haydée; CRUZ, Norval Batista. ARKHÉ: CORPO, SIMBOLOGIA E ANCESTRALIDADE COMO CANAIS DE ENSINAMENTO NA EDUCAÇÃO. In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO, 31., 2008, Caxambu. **Anais...** Caxambu: Anped, 2008. v. 1, p. 1 - 13. Disponível em: <a href="http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT21-4159--Int.pdf">http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT21-4159--Int.pdf</a>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

REIS, Eugenia da Silva. **Projeto Sustentabilidade**. Salvador: Edição Própria, 2014. 6 p SANTOS, Antônio Jorge Nascimento dos. **Correspondência Pessoal**. Salvador: Cabula I. junho 2015;

SALVADOR. Lei Municipal nº 6586, de 03 de agosto de 2004. **Dispõe sobre o Plano Diretor do Município do Salvador (PDDU) e dá outras providências. p.** 1-64.. Disponível em: http://portal.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-legislacao/GERAL/LOCAL/lei%20%20n%C2%BA%206586-2004%20pddu.pdf. Acesso em: 15 mar. 2016.

SANTOS, Elisabete et al (Org.). **O Caminho das Águas em Salvador:** Bacias Hidrográficas, Bairros e Fontes. Salvador: Ciags/ufba; Sema, 2010. 245 p. (Coleção Gestão Social). ISBN - 978-85-60660-08-7.

SILVA, Francisca de Paula Santos da; SÁ, Natalia Coimbra Silva de (Org.). **Cartilha** (**In**) **Formativa sobre Turismo de Base Comunitária:** "O ABC do TBC". Salvador: Eduneb, 2012. 34 p. Disponível em: <<u>http://www.tbc.uneb.br/sobre/</u>>. Acesso em: 21 maio 2014.

YURI ABREU (Bahia). Tribuna da Bahia. Moradores do Cabula reclamam de devastação em horto: O local está sofrendo com a devastação a cada ano que passa.

2015. Disponível em: <a href="http://www.tribunadabahia.com.br/2015/07/20/moradores-do-cabula-reclamam-de-devastacao-em-horto">http://www.tribunadabahia.com.br/2015/07/20/moradores-do-cabula-reclamam-de-devastacao-em-horto</a> . Acesso em: 20 jul. 2015.
Tribuna da Bahia. SUCOM embarga invasão no Cabula e
imóveis podem de ser demolidos: Segundo os moradores, o local pertence ao Ministério
da Agricultura e tem uma área de cerca de 380 mil metros quadrados. 2015. Disponível
em: <a href="http://www.tribunadabahia.com.br/2015/10/21/sucom-embarga-invasao-no-">http://www.tribunadabahia.com.br/2015/10/21/sucom-embarga-invasao-no-</a>
cabula-imoveis-podem-de-ser-demolidos>. Acesso em: 21 out. 2015.